

Considerações finais

Constatamos que, para Heidegger, na postura observadora do ente diretriz de toda a filosofia falta a noção de ser-no-mundo, do *Dasein* como poder-ser, como o ente que existe. Mas a partir de que parâmetros pode-se caracterizar de desmundana uma abordagem que se funda do ser-no-mundo do *Dasein*? Pois, vimos que a ontologia tradicional é sobretudo a manutenção de uma familiaridade, já que esta não interroga seu próprio fundamento mas se volta para o ente intramundano e, mesmo quando busca esclarecer os fundamentos de sua possibilidade, os interpreta a partir do ser simplesmente dado, da natureza. Para Heidegger, a investigação das ontologias historicamente dadas está, como vimos, ancorada na decadência do *Dasein*, na fuga de si mesmo. Fizemos questão de esclarecer que na fuga de si mesmo do *Dasein*, ou, que em sua cotidianidade mediana, há uma relação com o ser, mesmo que seja fugindo e se esquecendo dele. Pois, na desmundanização do mundo também há essa relação de esquecimento e fuga. Quando Heidegger diz que a ontologia tradicional não colocou a questão do sentido de ser, afirma, sobretudo, que o ser promoveu implicitamente toda a busca filosófica do ocidente, tanto que, como dissemos logo acima, para ele a ontologia do *Dasein* percorre de modo latente toda a história da filosofia¹⁴³. Em outras palavras, pode-se dizer que o mundo, enquanto o poder-ser, compreensão de ser, promoveu e promove a sua própria desmundanização, que, por sua vez, atesta a inevitável relação com o ser tão cara ao “ente que nós mesmos somos”. Pois salta-se por cima da mundanidade do mundo justamente pelo fato da mundanidade desde sempre reger o modo de ser do *Dasein* enquanto ser-no-mundo. Enquanto uma postura do *Dasein*, a abordagem do ente como natureza não pode ser completamente destituída de mundo, já que somente a partir

¹⁴³ Neste sentido, relata Gadamer: “Perguntei a Heidegger se a sua tentativa de superar o subjetivismo do pensamento moderno já não tinha sido afinal empreendida por Hegel. Heidegger respondeu: ‘Com certeza, seus esforços iam nessa direção, mas faltava-lhe a possibilidade conceitual para se libertar da coercitividade do conceito greco-cartesiano de sujeito ou do conceito de consciência’. Tal como me parece, isso vale para muitos dos enunciados heideggerianos críticos acerca dos grandes pensadores da tradição, uma vez que ele reconheceu sem dúvida alguma neles o mesmo anseio, a mesma tarefa de pensamento, mas percebeu a falta das possibilidades conceituais para chegar a termo nesse anseio” (GADAMER, H. G. *Hermenêutica em retrospectiva* (vol. 1), p. 19). Sobre a relação entre o pensamento de Hegel e Heidegger quanto à noção de sujeito, ver DUQUE-ESTRADA, P. C. Heidegger, Hegel e a questão do sujeito. *O que nos faz pensar*, vol. 1, n. 10, outubro de 1996.

deste é possível se falar de uma consideração ou desconsideração do ente, do ser, de uma aproximação ou um afastamento. Como o próprio Heidegger indica no §12 de *Ser e tempo*, dois entes simplesmente dados, como a mesa e a parede, nunca podem se tocar, mesmo que a distância entre eles seja zero¹⁴⁴, tampouco podem se afastar um do outro: só há afastamento, esquecimento, fuga, na relação com o ser, no ente que compreende ser, que é ser-no-mundo. Por isso, a pergunta: “Desmundanização?”. Não é justamente por conta de toda a história da ontologia enquanto esquecimento do ser (do modo de ser do *Dasein*, do ser-no-mundo) que se pode retomar a questão do sentido de ser? Seria preciso nomear de desmundanização do mundo o privilégio do modo de se relacionar com o ente enquanto algo simplesmente dado, visto que o mundo está presente em sua ausência quando se interpreta o ser do *Dasein* a partir do ente intramundano, fugindo de si mesmo?

Na epígrafe de *Ser e tempo* consta um trecho do diálogo *Sofista*, de Platão. Pois é neste mesmo diálogo que se encontra uma passagem que “indiretamente” transmite a questão que suscitou todo o presente trabalho, e que ainda o permeia: “— É que, realmente, jovem feliz, nos vemos frente a uma questão extremamente difícil; pois, mostrar e parecer sem ser, dizer algo sem, entretanto, dizer com verdade, são maneiras que trazem grandes dificuldades, tanto hoje, como ontem e sempre”¹⁴⁵. A pergunta de Platão é “como pode o não-ser participar do ser?”; a deste trabalho, “como pode o *Dasein*, que é ser-no-mundo, saltar por cima do mundo?”. Mesmo que em nosso caso não esteja diretamente em jogo, como no texto de Platão talvez esteja, o tema da aparência (falso) e da verdade, é preciso observar que a dificuldade parece a mesma. De certa forma, estamos perguntando, a partir de *Ser e tempo*, por que o esquecimento do ser, a fuga do ser-no-mundo, predominam no modo de ser do *Dasein*. Por que o ser comumente se oculta ao invés de se primeiramente se mostrar? Por que se salta por cima do mundo se é “sendo no mundo” que esse salto acontece?

Pois se, para Heidegger, a decadência, como vimos, apresenta antes uma prova a favor da existencialidade do *Dasein*, e estando a desmundanização no mesmo embalo desse modo de ser, a abordagem do ente como algo simplesmente dado deve sobretudo representar a prova mais elementar a favor da relação do *Dasein*

¹⁴⁴ *Ser e tempo*, p. 101, [55].

¹⁴⁵ PLATÃO. *Sofista*, 236 e.

com o mundo e não o contrário. Para tanto, é preciso se desfazer de uma concepção que caracteriza o olhar cognitivo sobre o ente como uma simples postura do *Dasein* frente às coisas e perceber que esse olhar se funda num modo essencial deste ente que compreende o ser; dar-se conta que, para Heidegger, não se trata de um problema que pudesse ser consertado, já que o suposto conserto significaria uma quebra de relação com o ser, a desnecessidade de se recolocar a sua questão através de uma restituição completa do ser, do mundo, do ser-no-mundo.

A nossa empreitada de pensar o sentido da expressão “desmundanização do mundo”, utilizada por Heidegger no § 14 de *Ser e tempo*, foi movida sobretudo pela inquietação que acabamos de expor. De certa forma, ela carrega consigo um ponto crucial de *Ser e tempo*. Heidegger apresenta, na última página de sua obra mais fundamental, uma questão que acompanha e aprofunda tal inquietação: “Por que, ‘numa primeira aproximação’, se ‘concebe’ o ser justamente a partir de algo simplesmente dado e *não* do manual, que está *ainda mais perto?*”¹⁴⁶. Ou: por que, “numa primeira aproximação”, se “concebe” o mundo como o conjunto de coisas dadas, conhecidas ou prestes a ser conhecidas, e não diretamente em sua mundanidade?

¹⁴⁶ *Ser e tempo*, p. 535, [437].